

## **A atuação do Foto Clube do Espírito Santo na prática da fotografia capixaba.**

The actions of *Foto Clube do Espírito Santo* in the practice of capixaba's photography.

Ana Claudia Fehelberg Pinto Braga<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa a atuação do Foto Clube do Espírito Santo (FCES) na prática da fotografia capixaba com a promoção de eventos fotográficos, tais quais: mostras, exposições, cursos e salões. Deste modo, interessa-nos apreender a partir da experiência do FCES, os alcances da fotografia fotoclubística do período.

**Palavras-chave:** *Fotografia nos anos de 1940-1970, Fotógrafos, Fotoclube, Salões de Fotografia.*

**Abstract:** *The article analyzes the actions of Foto Clube do Espírito Santo (FCES) in the practice of capixaba's photography with the promotion of photographic events, such as: shows, exhibitions, courses and salons. This way, we are interested in apprehending from the experience of the FCES, achievements of the photography from the period.*

**Key words:** *Photography in the years 1940-1970, Photographers, Photoclub, Salons of Photography.*

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Artes/UFES. Agência Financiadora: FAPES

### **A formação do Foto Clube do Espírito Santo (FCES)**

No início dos anos 1940, a fotografia no Espírito Santo, ainda incipiente, não dispunha de um local para a formação de fotógrafos, apesar da existência de profissionais e lojas comerciais nessa área. De encontros informais de interessados em uma loja de equipamentos e materiais de fotografia, a Empório Capixaba<sup>2</sup>, surgiria a ideia de realizar na capital Vitória a *I Exposição de Arte Fotográfica de Amadores*<sup>3</sup>, no ano de 1945. Os apenas seis participantes – Ugo Musso, Pedro Fonseca, Dolores Bucher, Décio Lyrio, Finn Knudsen e Magid Saade –, entusiasmados com os reflexos da mostra decidiram fundar, alguns meses depois, o primeiro fotoclube do Estado, denominado Foto Clube do Espírito Santo.

Magid Saade, presidente do FCES durante longo período e atualmente ocupando o cargo de diretor, faz uma leitura da germinação da associação, dizendo:

Líamos sobre fotografia e traçávamos [sic] informações com outros amadores e também profissionais. Nesses contatos surgiu a ideia de se organizar exposição coletiva dos trabalhos de grupo. A mostra foi levada a efeito em dezembro de 1945, em loja na Praça Oito, ponto de concentração de Vitória. Pelo ineditismo e pela qualidade dos trabalhos apresentados o evento obteve grande sucesso. Foi a partida para a fundação do Foto Clube do Espírito Santo concretizada em 23 de maio de 1946, que contou com a adesão de outros idealistas.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> A Empório Capixaba era gerenciado pelo italiano Nestor Cinelli e havia sido fundada na década de 1930. Estava localizada no Centro de Vitória, sendo ponto de encontro e troca de experiência de muitos amantes da fotografia. Informações obtidas em: LOPES, Almerinda da Silva. *Memória aprisionada: a visualidade fotográfica capixaba: 1850/1950*. Vitória: EDUFES, 2004, p. 104.

<sup>3</sup> A exposição fotográfica ocorreu no dia 26 de dezembro de 1945 na agência Larica, à Praça Oito de Setembro, em Vitória. É destaque da mostra o fotógrafo Pedro Fonseca, que acumulou cinco premiações das dez, inclusive o 1º lugar – entre as oficiais e as menções honrosas. Informações obtidas na Ata de Julgamento da exposição.

<sup>4</sup> Depoimento de Magid Saade dado em Maio de 2006, extraído de <http://www.confoto.art.br/fces/index.php>. Acesso em 05 novembro de 2011.

Deste modo, em sua primeira reunião compareceram 22 sócios-fundadores: Afonso Schwab, Alcides Guimarães, Augusto de Aguiar Salles, Carlos Larica, Clóvis Loureiro Machado, Dante Michelini, Dolores Bucher, Érico Hausschild, Finn Knudesen, Guedes Júnior, Isauro Rodrigues, Jorge Bumachar, José Ceglias Barbosa, José Agostinho Pezenti Nalin, Luiz Edmundo Malisek, Magid Saade, Manoel Martins Rodrigues, Mauro de Araújo Braga, Paulo Vasconcelos, Pedro Fonseca, Rodolfo Paulo Wolff e Vicente Burian.

Para a estruturação do clube, foi enviada, em 31 de maio de 1946, uma carta ao Foto Cine Clube Bandeirante<sup>5</sup> (FCCB), de São Paulo, anunciando a fundação do FCES e também solicitando seu modelo de estatuto. Com isso, somente em 19 de outubro seria ratificado, em Assembléia Geral, o *Estatuto do Foto Clube do Espírito Santo*, então baseado nos moldes paulistas.

Assim, seguindo a propagação do movimento fotoclubista no Brasil, manteve-se ativo no Espírito Santo, do final dos anos 40 à década de 70, o Foto Clube local. Com caráter amador, a instituição tinha o intuito de promover o encontro, a discussão e a exposição de trabalhos fotográficos, propagando e incentivando a sua prática, detendo, em seu período de atuação, a fomentação do ensino da fotografia no Estado.

De tal modo, um novo momento na fotografia era instaurado no Estado, impulsionado pela promoção de eventos e atividades diversas. Assim, o FCES totalizou um número de 45 cursos de iniciação à arte fotográfica ministrados em sua trajetória; além de vários concursos regionais e internos que incentivavam também o desenvolvimento de técnicas, processos e linguagens; e a realização de passeios, excursões e reuniões sociais. A associação, ainda, promoveu 26 Salões Nacionais e Internacionais de Fotografia no período de sua atuação. Além disso, o FCES, coletivamente, foi presente em várias mostras no país e no exterior, tendo muitos trabalhos aceitos e diversas premiações. Seus membros também atuaram em comissões julgadoras, assembleias, diretorias e vice-presidências de outros órgãos, como a Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema, da qual, ainda, foi um dos fundadores. Em 1968, esteve à frente da *V Bienal de Arte*

---

<sup>5</sup> Sobre o Foto Cine Clube Bandeirante ver: COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. *A fotografia moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ: IPHAN: FUNARTE, 1995.

*Fotográfica Brasileira*<sup>6</sup>, que ocorrendo nessa edição em Vitória, possibilitou o contato do público capixaba com grandes nomes da fotografia brasileira da época.

O fotoclube local, seguindo o contorno fotoclubístico do Brasil e do mundo, era composto majoritariamente por homens, sendo a figura feminina no interior das associações ausente. Contudo, temos no FCES a curta participação de Dolores Bucher, ainda no início da formação do fotoclube. Outras personalidades femininas passaram pelo grupo, tais qual a nutricionista Amália Pimentel, a arquiteta Maria do Carmo Schwab e, também, a professora de desenho da Escola Técnica do Estado Enilda Coelho.

Outra característica expressiva do FCES, é a grande parte dos seus integrantes ser oriunda do interior do Estado – naturalmente, vindos de famílias de imigrantes –, de outros Estados do Brasil e até mesmo do exterior<sup>7</sup>. Tal indicação pode traduzir numa confluência de estilos e valores que compuseram o FCES como tal. A influência dessa circunstância pode ser sentida, por exemplo, nas experiências e contatos trazidos por membros, como o caso de Fábio Tancredi, carioca, que apresentou o Foto Clube Brasileiro, do Rio de Janeiro, ao do Espírito Santo.

Como uma associação de fotógrafos amadores, poucos eram os que trabalhavam e viviam da fotografia de fato, como o caso de Pedro Fonseca enquanto repórter fotográfico de diversos periódicos, inclusive o *A Gazeta*. A fotografia, para a maioria dos associados, servia enquanto *hobby*, já que estavam financeiramente envolvidos em outras atividades. Desse modo, o FCES incorporava todos os tipos de profissionais: médicos, professores, bancários, comerciantes, engenheiros. Nas palavras de Saade, o fotoclube foi fundado por:

Amadores idealistas, na era do fotoclubismo, e teve adesão imediata de outros entusiastas da arte fotográfica, surgindo o grupo formado

---

<sup>6</sup> A cada edição um fotoclube brasileiro sediava o evento. No ano de 1968, o FCES, pela reconhecida atuação, comporta a 5ª edição. O local de exposição foi o saguão do prédio da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), no centro de Vitória.

<sup>7</sup> Colatina, Afonso Cláudio, Santa Teresa, Itaguaçu, Ibirapu, João Neiva compunham algumas das cidades natais de integrantes do grupo; além dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, e, também, dos países Alemanha e Itália.

por pessoas da classe média amantes da arte fotográfica, de posições definidas em diversas profissões.<sup>8</sup>

Ainda, destacamos o fato da maioria do grupo ter nascido nas primeiras duas décadas do século XX, estando em média, na data da fundação do clube, entre 30 e 40 anos de idade. Dessa forma, é possível que aspirações clássicas e acadêmicas que orientavam a pintura, tenham sido difundidas no interior do fotoclube, principalmente, em seus primeiros anos da formação. A partir de então, já na década de 1950, através dos intercâmbios com outras instituições do gênero e por meio, também, da interação dos Salões nacionais e internacionais, ocorre uma afluência da linguagem moderna. Claudia Milke, em seu estudo a respeito do FCES, observa que, ainda que os fotógrafos tivessem contato com as experiências modernas, existiu, na verdade, no interior da associação, uma mistura dos estilos resultando numa produção eclética, por ora acadêmica e por ora moderna.<sup>9</sup>

Neste sentido, é possível confrontar tal perfil com a realidade existente no fotoclube paulista, o FCCB, o qual, como analisa Costa & Silva<sup>10</sup>, era composto em sua maioria por integrantes muitos jovens, não sendo, portanto, formados artisticamente no auge do pictorialismo, estando, assim, mais receptivos às transformações e influências do moderno. Já no caso do Photo Club Brasileiro, do Rio de Janeiro, que existiu entre os anos de 1920 e 1940 quando a estética pictorialista ainda imperava, ocorria a idolatria da técnica fotográfica em seus processos laboratoriais de bromóleo, goma bicromatada e outros.

Já nos anos de 1960, a Escola de Belas Artes incorporou ao seu organismo docentes oriundos do eixo cultural Rio – São Paulo, dentre os quais Freda Jardim, Moacyr de Figueiredo, o casal Raphael e Jerusa Samú e os irmãos João Vicente e Maurício Salgueiro. O curso de Belas Artes, que até então estava orientado pela tradição clássica com o

---

<sup>8</sup> Depoimento de Magid Saade dado em Maio de 2006, extraído de <http://www.confoto.art.br/fces/index.php>. Acesso em 05 novembro de 2011.

<sup>9</sup> VASCONCELOS, Claudia Milke. Fotoclube do Espírito Santo: arte fotográfica numa trajetória específica. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Espírito Santo, p.141-142.

<sup>10</sup> COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. A fotografia moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ: IPHAN: FUNARTE, 1995, p. 46.

ensino pautado em cópias de modelos gregos e paisagens bucólicas, passou por um processo de transformação com a difusão de novas linguagens, meios, suportes e materiais artísticos mediante a chegada desses professores. No final da década de 1960, ainda, ocorreu a introdução da disciplina de Fotografia no Curso de Artes da universidade, que acabava de ser federalizada. Se isso fazia parte da reestruturação e adequação curricular do curso de Artes às novas exigências, tal reforma permitiu a renovação do pensamento e a atualização dos valores estéticos. Com isso, rapidamente o Centro de Artes iria assumir a liderança do ensino da fotografia em Vitória, que até então fora difundida e incentivada somente pelo Foto Clube, fator que contribuiu de alguma maneira, também, para a derrocada do fotoclubismo local.

Na trajetória de mais de três décadas que o FCES se manteve ativo, muitos fotógrafos foram formados, técnicas e estilos foram por eles desenvolvidos e apreciados pelo expectador capixaba. Importante destacar a influência que os Salões Fotográficos, nacionais e internacionais, tiveram na produção dos integrantes da associação. Os eventos proporcionavam intercâmbios com instituições e fotógrafos de todo o mundo, permitindo, assim, que os fotoclubistas do FCES exercitassem seu olhar técnica e artisticamente com novas experiências. As exposições dos Salões, ainda, possibilitaram ao público capixaba o contato com a vasta produção mundial dos fotoclubistas.

De tal modo, na década de 1940 a estética fotográfica no interior da associação estava embasada nos conceitos relacionados à pintura acadêmica. Paisagens e cenas marinhas predominavam nas temáticas, além do uso da fotografia sem retoques, romântica e idealizada. *Ovelhas do Senhor* (1945), de Magid Saade mostra claramente a estética em vigor, na captura pura da paisagem bucólica do interior.



Fotografia 01 - *Ovelhas do Senhor*, Magid Saade, 1945.  
Acervo do FCES.

Já em 1950, mais experientes e com uma maior influência dos Salões Fotográficos, que em 1958 adquiria o caráter internacional, o ecletismo na produção das imagens dominava os fotógrafos do FCES, entre o acadêmico e o moderno. Milke observa a germinação do modernismo nessa fase, em que os integrantes usavam de elementos do moderno, como: cortes e ângulos pouco convencionais, closes e tomadas de cima ou de baixo, ênfase na geometrização das formas, interesse pelos detalhes (com perda da compreensão do referente), quebra da perspectiva linear, contraste de luz e sombra.<sup>11</sup>

A partir dos anos 1960, percebemos a afluência de novas questões no cenário artístico local. Ainda que o Espírito Santo desse momento comportasse a linguagem tradicional acadêmica em seu âmbito artístico, é perceptível que a fotografia, muitas vezes, já fugisse a esse academicismo. Nesse contexto, a necessidade de atualização das linguagens poéticas e do discurso artístico se inseria por meio da diversificação dos meios, suportes e materiais, como da definição de um sistema artístico, que incluiu entre outras questões, a criação de galerias comerciais e oficiais, de exposições, cursos, palestras. Isso sintonizaria as propostas estéticas dos artistas locais com as de destacados artistas brasileiros, especialmente os atuantes no eixo hegemônico Rio-São Paulo. Assim, embora o artista atuasse num ambiente cultural sem críticos, periódicos, galerias ou museus

---

<sup>11</sup> VASCONCELOS, Claudia Milke. Op. Cit.. p.151-169.

especializados, a educação estética local e o ensino da arte sofreram mudanças significativas em suas bases, o que permitiu difundir uma visão mais crítica dos paradigmas artísticos. Para tal, alguns fatos contribuíram como a criação do Museu de Arte Moderna (MAM) do Espírito Santo e da já citada Escola de Belas Artes, além do próprio desenvolvimento econômico do Estado.

Raras as vezes que a fotografia era incluída nos eventos artísticos locais. De fato, verifica-se que a promoção das imagens técnicas vinha majoritariamente da instituição FCES que, desde sua fundação em 1946, incentivava e movimentava o campo fotográfico capixaba. Ainda que seus membros fossem, em sua maioria, da elite local e não possuísse formação artística, essa associação de amadores promoveu 26 Salões Nacionais e Internacionais de Fotografia, cujo conjunto imagético produzido mostra-se amplo e diverso, ratificando, ao mesmo tempo, que a instituição e suas promoções foram de extrema importância para a movimentação do cenário artístico cultural do Espírito Santo. Neste sentido, alguns de seus fotógrafos também expunham em outras regiões, o que não só consistia em uma divulgação da arte capixaba a nível nacional, mas também na confirmação da existência de uma consonância fotográfica. Paulo Bonino, Maria Adélia Milanez, Antônio Carlos Sousa Neto, Nilton Pimenta, Magid Saade e Jorge Luiz Sagrilo são alguns nomes que passaram, então, pelos principais pólos artísticos do país.<sup>12</sup>

A fotografia atuando através do repórter fotográfico e do fotodocumentarista, tinha destaque, em Vitória, com Rogério Medeiros, com suas cenas do interior do Estado, revelando-se verdadeiros documentos de interesse antropológico e social e, também, José Luiz Sagrilo, trabalhando entre o documental e o experimental fotográfico, como em *Diva* (1971) - com processos de alto contraste, solarizações e técnicas pré-digitais, que modificam o novo fazer fotográfico.

---

<sup>12</sup> "Arrastão", de Nilton Pimenta, e "S/T", de Jorge Luis Sagrilo foram obras apresentadas na Exposição Internacional Bandeirante, de São Paulo. Demais associados tinham fotografias no Salão de São Carlos (SP). IN: FOTOS de capixabas na exposição que se realiza em SP. *A Gazeta*, Vitória, 12 nov. 1971, p. 2. Ainda, o Foto Clube ganha destaque em Bienal de Arte Fotográfica de Volta Redonda, RJ, em 1974, com o prêmio de segundo lugar. IN: FOTO clube. *A Gazeta*, Vitória, 02 jun. 1974, p. 2.



Fotografia 21 - Sagrilo Diva,  
1971.  
Acervo do FCES.



Fotografia 3 - Sagrilo, Diva,  
Estudo nº 2.  
Acervo do FCES.



Fotografia 42 - Sagrilo, Estudo  
em Branco.  
Acervo do FCES.

O descompasso do fotoclube local nos anos 1970 ocorreu em consequência das mudanças do curso histórico do país, bem como das artes, e particularmente, em função da criação da disciplina de fotografia no Centro de Artes na década anterior. Com isso, o papel de movimentação de cursos, exposições e discussões incidiu sobre a universidade.

### **A prática fotográfica capixaba amadora: o Foto Clube do Espírito Santo**

Os materiais mapeados e catalogados, até então, por esta pesquisa, abrangem tanto as fontes jornalísticas sobre o Foto Clube do ES, bem como os arquivos da instituição e análise das imagens em poder da mesma. O contato direto com fotografias, catálogos de Salões, atas e demais documentos no arquivo do FCES, trazem indícios de concepções de mundo e valores de integrantes e do grupo em geral.

Portanto, a análise perpassa não apenas pelas ideias e conceitos de arte e fotografia no período, mas os testemunhos, os documentos e obras que são, assim, vestígios do pensamento fotográfico do Fotoclube capixaba. Entende-se que o FCES enquanto promotor, testemunha e documenta uma época. As motivações e ideias daquele tempo permanecem latentes nos documentos e obras produzidos pela instituição.

Ao propor a intenção de interrogar o significado das obras, contudo, deve pesar a instituição que os legitima - ou não - como obras e não as deixa em esquecimento. Neste

sentido, questionar o próprio conceito de arte através do qual a instituição justifica e funda suas práticas compreende, também, rever a história da instituição, da formação de seu acervo e prática, enfim, evocar a narrativa oficial a partir da qual a instituição se organiza e que reatualiza suas práticas.

Nesse procedimento de formulação de valores e representações algumas instituições apresentam-se como centrais ao direcionar certo modelo de visualidade e orientar as condições de recepção da arte, cumprindo, assim, um papel influente dentro do sistema.

Dito isso, trataremos na sequência do texto por apresentar documentos que respaldam a construção de um discurso oficial por parte do Fotoclube capixaba. O FCES, então, como instituição enunciadora da fotografia enquanto arte no contexto apresentado situa-se dentro do circuito social da fotografia em seu processo de produção, circulação e consumo de imagens fotográficas.

Uma das práticas dos fotoclubes, a promoção de salões de fotografia, tinha como objetivo principal a divulgação da fotografia como arte, desenvolvida no interior dos fotoclubes, tanto para o público em geral quanto para os fotoclubistas. Com isso, era gerado um intercâmbio entre fotoclubistas e fotoclubes. Nesse sentido, pode-se dizer que havia uma tentativa de uniformização da prática fotográfica. Dessa uniformização da prática fotográfica, pode-se, ainda, colocar que os participantes dos salões compartilhavam de um mesmo princípio fotográfico, no que tange à técnica e à visão artística, e, sendo assim, não haveria grandes mudanças de estilo de um salão para outro.

Dito isso, temos o que Roland Barthes nos coloca, em “A Câmera Clara” (1984), quanto ao desafio do fotógrafo em buscar produzir uma fotografia interessante agindo na subversão dos modelos instituídos, na operação nas brechas, no rompimento de matrizes codificadas.

A foto se torna “surpreendente” a partir do momento em que não se sabe por que ela foi tirada; qual motivo e qual interesse para fotografar um nu, contra-luz, no vão de uma porta, a frente de um velho automóvel na grama, um cargueiro no cais, dois bancos em uma pradaria, nádegas de mulher diante de uma janela rústica, um ovo

sobre uma barriga nua (fotos premiadas em um concurso de amadores)?<sup>13</sup>

A postura de Barthes nos traz, num primeiro momento, um questionamento aos salões de amadores: afinal, a busca pela aceitação nos salões acabava gerando a inalterabilidade fotográfica, impedindo a agregação de novos valores à fotografia artística?

Apesar da fotografia produzida dentro do circuito fotoclubístico possuir orientações estéticas e técnicas definidas em manuais, guias e apostilas, não se pode dizer que existia uma corrente fotográfica única. Várias estéticas “conviviam” no mesmo espaço. Assim como expõem Helouise Costa e Renato Rodrigues da Silva:

Havia assumidamente um gosto pela convivência entre as várias concepções da estética fotográfica, o que só foi possível devido a duas razões: primeiro pela inexistência de um corpo teórico suficientemente estruturado que desse conta das consequências estéticas últimas de uma especulação moderna; segundo devido à defesa de uma ideologia liberal bem ao gosto da pequena burguesia urbana.<sup>14</sup>

Dentro desse contexto, desde sua criação, o FCES manteve-se em intensa atividade promovendo cursos, exposições e concursos. Em seu segundo ano de existência, em 1947, a instituição inaugurava o seu I Salão Capixaba de Arte Fotográfica dos 26 que iria realizar ao longo dos anos. Até 1978, data de sua última edição, o FCES empenhou-se na promoção dos Salões, os quais também contribuíram na afirmação da instituição no cenário fotoclubista, além de movimentar a cena artística-cultural do Estado e permitir, com todo o intercâmbio, o desenvolvimento dos fotógrafos da instituição.

---

<sup>13</sup> BARTHES, Roland. A câmera clara: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, op . 57.

<sup>14</sup> COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. Op. Cit., p. 58.

O fotoclube local teve como base para a criação de suas atividades institucionais a prática de outros fotoclubes brasileiros, especialmente o Foto Cine Clube Bandeirante, de São Paulo. Mas, existiria também uma aproximação em relação à prática fotográfica deste fotoclube?

De forma superficial, a resposta a esta questão é afirmativa, uma vez que fotoclubes fazem parte de um movimento de nível mundial, o Fotoclubismo, com o desenvolvimento de uma prática fotográfica voltada à intenção de dar à fotografia o estatuto de “obra de arte”, através de trocas de experiências entre integrantes dos fotoclubes ou mesmo interclubes.

Mas também há a evidência da solicitação do modelo de estatuto para a fundação da agremiação. Como já mencionado anteriormente, decidida a fundação da agremiação, os irmãos Isauro Rodrigues e Manoel Martins Rodrigues enviam correspondência ao Foto Cine Clube Bandeirante (FCCB), de São Paulo, solicitando seu modelo de estatuto.

Entendendo características da instituição e sua formação, a pesquisa se encaminha por alguns documentos que dão respaldo ao entendimento desse grupo enquanto seletor de arte fotográfica. Numa nota no Jornal A Gazeta, de Fevereiro de 1974, a respeito do “Curso de Iniciação à Arte Fotográfica” oferecida pelo FCES, encontra-se dados relevantes:

E o que notamos é uma preocupação cada dia mais crescente do aprimoramento de artifícios, o que vem afirmar que a técnica é artística. Por isso, é importante que o fotógrafo tenha uma boa noção de autocrítica e que, ao fotografar ou revelar, suas noções de análise de fotografia estejam presentes.

#### **Como fotografar**

Para as fotografias convencionais o presidente do Foto Clube ensina os princípios básicos fotográficos: *“É necessário que o fotógrafo dê as costas para a fonte de luz de modo que a máquina receba o foco de maneira perpendicular, o que vai fornecer um maior relevo à fotografia. Se a luz incidir frontalmente, as formas se apresentarão achatadas. Quanto ao fundo da fotografia, este deve ser o mais simples possível, de*

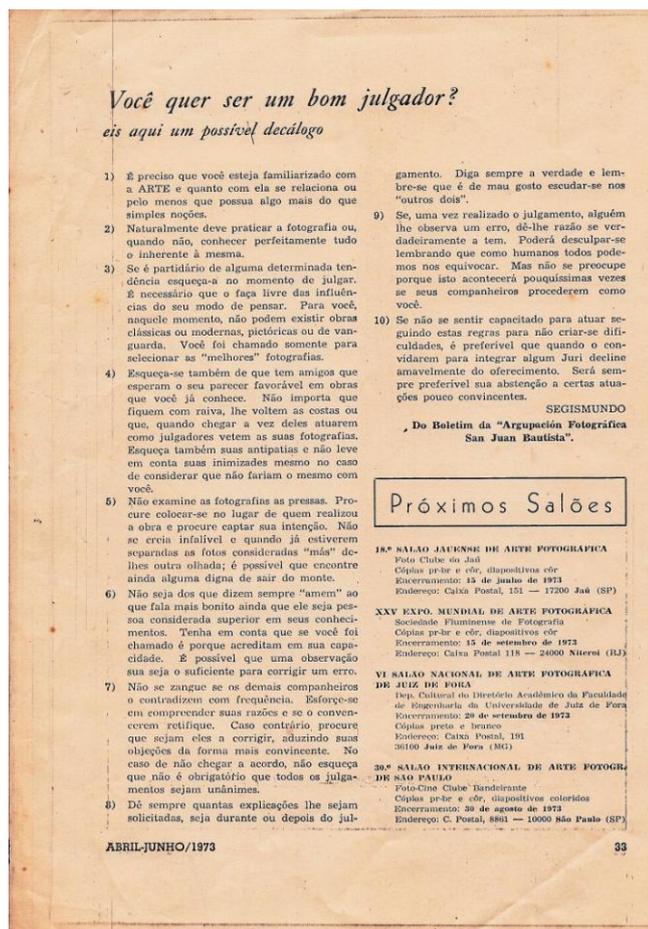
*maneira a não esconder o objeto principal, o que provocaria uma falta de expressão à foto. A mensagem seria deturpada e haveria perda do valor de composição.”<sup>15</sup>*

A respeito dos julgamentos das imagens fotográficas realizados pelos membros das comissões de seleção dos fotoclubes, vale aqui também citar uma espécie de “cartilha” acerca da postura desejável para aqueles incumbidos de proceder à seleção, encontrada também no acervo do FCES.

Trata-se de uma página solta (página 33) de revista especializada em fotografia ou boletim datada de abril-junho/1973, na qual consta um artigo assinado por Segismundo, retirado do Boletim da *Agrupación Fotográfica San Juan Bautista*, da Argentina, cujo título é: *Você quer ser um bom julgador? Eis aqui um possível decálogo.*

---

<sup>15</sup> Autor desconhecido, “FOTO CLUBE REALIZA CURSO DE INICIAÇÃO” A Gazeta, Vitória, 06 de Fevereiro de 1974, página 6.



Fotografia 03 - Você quer ser um bom julgador? Eis aqui um possível decálogo, Boletim da Agrupación Fotográfica San Juan Bautista, Argentina, 1973.

O texto traz uma “postura” geral que trata da conduta desejável para qualquer membro de comissão de seleção, sem apontar critérios específicos ou diretamente relacionados com as imagens fotográficas, mas, ainda assim, sua relevância tem na ajuda a perceber melhor a importância e a seriedade com que tais julgamentos aconteciam.

Mas, de que critérios se valia então a Comissão Julgadora do FCES para decidir a qualidade e a relevância de determinada fotografia? Que condições eram necessárias para ela ser considerada mais ou menos “artística”? Que fatores ou características contribuíram para “desqualificar” outras tantas fotografias?

Segundo informações retiradas da apostila elaborada pelo FCES para os seus *Cursos de Iniciação à Arte Fotográfica*, consta que, na análise das obras, os avaliadores deveriam se respaldar nos critérios existentes no “*Boletim de Julgamento*” da Confederação Brasileira

de Fotografia e Cinema, em que temos: Visão ou Concepção; Interpretação e Tratamento; Composição e Técnica de Laboratório.

O item de Visão ou Concepção refere-se à escolha do assunto: originalidade do tema ou da sua apresentação, criação, tendo como pontos negativos: banalidade, imitação, confusão, reprodução. Em Interpretação e Tratamento é observado se a imagem gerada é adequada ou não ao tema. Analisa-se se existe naturalidade ou artificialismo, interesse amplo, geral, ou restrito, limitado e de caráter pessoal, ou ainda se trata-se apenas de simples documentação. Também é questionada a escolha adequada ou não do processo utilizado. Em Composição, observa-se se existe um arranjo harmonioso dos elementos que formam e integram o quadro: linhas, massas, tons, luzes e sombras, bem como ângulos de tomada, perspectiva, utilização do campo focal, corte e enquadramento. Também se leva em consideração se a imagem possui equilíbrio e harmonia das cores (nas fotos ou dispositivos em cores). Finalmente, em Técnica de Laboratório, o foco está sobre a boa ou má execução técnica do processo utilizado. É dada atenção à qualidade da cópia ou ampliação, bem como definição, textura, o acabamento e apresentação.

Note-se, que a maioria desses critérios remete a um paralelo muito forte com o universo pictórico e, durante muito tempo, a pintura (acadêmica, principalmente) norteou as produções fotográficas que ambicionavam pertencer ao território da arte. Termos como *número de ouro* ou *pontos áureos*, composição equilibrada, harmonia de formas e tons eram corriqueiros tanto na produção quanto na análise de imagens feitas pelos fotoclubistas.

As palavras do associado José do Patrocínio Machado, expostas na revista *Vida Capichaba*, edição de março de 1948, também nos ajudam a compreender a definição de arte fotográfica por parte do FCES:

Tal como aquele que realiza a sua obra recorrendo a tintas, pincéis e telas, o indivíduo que se mune de uma máquina fotográfica e fixa através de ângulos pessoais, aspectos, coisas, pessoas, animais, ou qualquer outros objetivos, numa corporificação de sentimento belo, apresentando em seu trabalho um complexo de imagens capazes de

serem compreendidas pelo público e capazes de transmitirem esse sentimento de belo, estará fazendo arte fotográfica.<sup>16</sup>

Novamente aqui se encontra uma nítida vinculação com a pintura e com as “Belas Artes”, e o entendimento de que as “fotografias artísticas” deveriam transmitir o “sentimento de belo”.

Mas a estética pictórica também se encontra presente em fotografias que não fazem uso de processos de manipulação da técnica fotográfica. Neste caso, é a composição, baseada em normas da pintura clássica, a principal responsável pela aparência “artística” dessas imagens.

Tais regras perduraram por longo tempo dentro do FCES, mesmo após o surgimento da fotografia “moderna”, como se pode comprovar pela apostila de *Composição* redigida por Magid Saade e datada de 1983, na qual, entre outras tantas “sugestões” constam as seguintes:

Qualquer que seja o formato da foto, para melhor enquadramento do assunto, segue-se a “lei dos terços”. [...] Não se deve situar o principal assunto no centro geométrico do quadro. De modo geral, colocar a linha do horizonte nas proximidades da primeira das linhas dos terços ou da segunda, jamais na linha divisória da metade. [...] Em retratos (portraits) o principal ponto de atração são os olhos que devem ser situados nas proximidades das interseções acima. [...] Além das linhas, as luzes e sombras devem ser balanceadas. Nas fotos coloridas devemos também considerar a harmonia das cores.<sup>17</sup>

Em outra apostila, essa do *Curso de Iniciação Fotográfica* do FCES, temos dados reveladores da postura artística defendida pelos membros do fotoclube. Assim, as treze

---

<sup>16</sup> Apud LOPES, Almerinda da Silva. **Op. Cit.**, p. 114.

<sup>17</sup> Informações extraídas da apostila de *Composição* redigida por Magid Saade, Acervo do FCES, 1984, p. 03 e 04.

regras de destaque, o “manual para ser um bom fotógrafo”, norteariam a produção fotoclubista:

“Manual do bom fotógrafo” redigido pelo FCES

- Não se deixe impressionar pelo colorido. Os valores serão registrados em preto e branco.
- Não se deve situar o principal assunto no centro geométrico do quadro.
- De modo geral, não se deve colocar a linha do horizonte no centro do quadro.
- A fotografia vertical nos dá sentido de altura, força, dignidade enquanto a horizontal, repouso.
- As linhas dominantes devem ser compensadas com linhas secundárias em direção oposta para evitar monotonia ou instabilidade.
- Além das linhas devem ser também balanceadas as luzes e sombras.
- As partes principais da foto são: objeto (sujeito) principal, primeiro plano e fundo.
- O assunto deve ser único.
- Se o assunto estiver distante, enriqueça o primeiro plano com elementos de interesse (rochas, folhas, cadeira, etc.)
- Se mais de 1/3 da área for céu, deve ser lavada - use nuvens.
- A posição das figuras e objetos é importante. Se a pessoa estiver olhado para um lado, deixe mais espaço em frente dela.
- Para uma figura parecer alta, coloque-a no alto. Para torna-la baixa, ao contrário, deve ficar embaixo.
- Não coloque uma figura sem espaço em volta, a não ser para dar a impressão de peso ou tamanho.<sup>18</sup>

Apesar da apostila da qual se extraiu essas regras não conter data, sabe-se, referente à entrevista ao próprio presidente do FCES, Magid Saade, que elas ainda eram consideradas válidas, e continuavam a integrar os manuais dos cursos de iniciação fotográfica promovidos pelo FCES, mesmo no final da década de 70, ou seja, muito depois da experiência moderna já permear a sua produção. Ainda, percebemos nessas regras, que

---

<sup>18</sup> Regras extraídas da apostila do Curso de Iniciação Fotográfica promovido pelo FCES, Acervo do fotoclube, sem datação, p. 08.

certos paradigmas característicos da estética acadêmica permaneciam orientando a produção fotoclubista capixaba. Mesmo que tais regras pudessem ser quebradas, como consta na observação da própria apostila, o que acontecia de fato era uma resistência a essa quebra.

Tem-se, ainda, o desabafo de um dos membros do FCES, Jorge Luiz Sagrilo que, aos 16 anos de idade, em 1968, adentrava ao grupo questionando os valores clássicos da instituição. Em entrevista ao jornal A Gazeta de 1971, Sagrilo revela tal postura ao falar de sua exposição individual na Aliança Francesa. Em suas palavras:

A minha exposição é uma tentativa de liberdade do pensamento medieval que impera nos fotos-clubes [sic], que estão naquela de renascentismo e não lá [sic] legal. Eu expus no Foto-Clube até hoje, desde 68 tenho exposto, mas eu tenho visto julgamentos de fotografias que têm acontecido, tenho assistido êstes [sic] julgamentos e eu noto que os júzes são pessoas que pensam ainda muito atrasados, aquêles [sic] caras que querem que uma fotografia conte uma história. Isso eu acho que não é possível, acho inadmissível. Então essa exposição de fotografias minhas marca uma separação de idéias [sic] do Foto-Clube.<sup>19</sup>

Em entrevista de página inteira ao jornal *A Tribuna* de Vitória três semanas depois, no dia 15 de setembro de 1971, onde comenta o *XXIII Salão Capixaba de Arte Fotográfica*, instalado no Ed. Glória, Magid Saade, então Presidente da entidade, é arguído pelo jornalista a respeito de críticas contra a Comissão Julgadora, e, em resposta clara a Sagrilo, diz que:

Há (críticas), porém infundadas, mais por imaturidade. Recentemente foi publicada uma entrevista de um nosso associado a respeito. As fotografias são julgadas sem indicação do nome do autor, logo de saída, não pode haver protecionismo. A Comissão leva em consideração o valor artístico, concepção, técnica operatória e originalidade. O primeiro item é o mais

---

<sup>19</sup> A Gazeta, Vitória, 22 de Agosto de 1971

importante. [...] Temos que acatar os julgamentos pois procuramos ter na comissão elementos de alto gabarito sob todos os pontos de vista.<sup>20</sup>

Como se percebe, associados do próprio fotoclube do ES, passaram a questionar a lógica interna do grupo, como explicitado na ocorrência com Sagrilo. Neste momento da história do fotoclube, ocorre um confronto de gerações com concepções artísticas distintas. Os documentos e as fontes analisadas indicam, contudo, a permanência dos discursos enunciativos dos programas estéticos normatizantes dos fotoclubes. Com isso, tem-se uma breve compreensão das rupturas e continuidades dos processos dos eixos hegemônicos vigentes na época.

A presente comunicação buscou trazer os dados coletados até o momento, numa processo de construção da pesquisa. Desse modo, optamos por elencar questões mais significativas e já algumas considerações a respeito dos resultados encontrados. Ainda assim, muitas questões estão por ser analisadas e trabalhadas no decorrer do trabalho.

## Referências

- BARTHES, Roland. **A câmera clara**: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. **A fotografia moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ: IPHAN: FUNARTE, 1995.
- FOTOS de capixabas na exposição que se realiza em SP. **A Gazeta**, Vitória, 12 nov. 1971, p. 2.
- FOTO clube realiza curso de iniciação. **A Gazeta**, Vitória, 06 de Fevereiro de 1974, página 6.
- FOTO clube. **A Gazeta**, Vitória, 02 jun. 1974, p. 2.
- LOPES, Almerinda da Silva. **Memória aprisionada**: a visualidade fotográfica capixaba: 1850/1950. Vitória: EDUFES, 2004

---

<sup>20</sup> A Tribuna, Vitória, 15 de Setembro de 1971

SAADE, Magid. **Confederação Brasileira de Fotografia (Confoto)**, 2006. Entrevista concedida à Confoto pelo diretor do FCES, em maio de 2006. Disponível em: <http://www.confoto.art.br/fces/index.php>. Acesso em 05 novembro de 2011.

\_\_\_\_\_. Entrevistas concedidas à autora, Vitória, 02/12/10 e 10/12/10.

VASCONCELOS, Claudia Milke. **Fotoclube do Espírito Santo**: arte fotográfica numa trajetória específica. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Espírito Santo.